

NOTA DE ABERTURA

O Número 69 do *Boletim de Estudos Clássicos*, revista anual da Faculdade de Letras editada, em colaboração, pela *Associação Portuguesa de Estudos Clássicos*, pelo Instituto de Estudos Clássicos e pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, é disponibilizado aos leitores no final do ano de 2024.

Este número mantém o equilíbrio das secções temáticas que, tradicionalmente, caracterizam a identidade e a forma da revista universitária de divulgação dos Estudos Clássicos de maior tradição no mundo lusófono: Grego; Latim; Recepção da Cultura Clássica; Didática dos Estudos Clássicos; Notícias. Distingue-se, é oportuno frisar, pela revisitação corajosa de autores e de temas canónicos (*Ilíada*; Marcial, Bocado) que, alvo de investigação e publicações académicas vastíssimas, aqui se tornam presentes com a abertura a novas perspectivas e problemáticas que os renovam ao olhar dos leitores.

O BEC persevera no seu propósito de constituir a casa aberta, em complementaridade com as publicações periódicas dedicadas aos Estudos Clássicos no mundo lusófono, aos aspetos pragmáticos das línguas, história, cultura, literatura, arte, filosofia de matriz grega e latina; ao pensamento, reflexão, composição, reescrita literária e arte que exibam contacto, ou aplicabilidade, da cultura clássica, especificada nos seus múltiplos matizes – língua, literatura, história, ciência, arte. Os Estudos Clássicos enquanto fonte de sentidos para a compreensão dos tempos, das comunidades, das civilizações e das culturas que se desenvolveram para além da linha estrita do tempo histórico das civilizações antigas. Não foi pequeno, portanto, esse tempo histórico! Um contínuo de aproximadamente 2500 anos, se tomarmos como referência o primeiro milénio a.C. e o fim de Bizâncio, em 1453 d.C., datações que, todos concordarão, nada diziam aos homens que viveram os acontecimentos que hoje tomamos como marcos definitivos

do desaparecimento de uma história. A tradição literária neolatina e o grego como língua de comunicação foram os mais evidentes sinais de pervivência cultural do mundo latino, romano e helénico.

A *Fédération Internationale de Associations d'Études Classiques* (FIEC - <https://www.fiecnet.org/75-years-fiec>) organismo que reúne as associações nacionais de estudos clássicos, entre as quais a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, comemora este ano os seus 75 anos de existência. Queremos dar notícia do interessante ciclo de FIEC - *Lectures*, que seguem o seu curso desde 16 de novembro de 2023, reunindo prestigiados académicos de Estudos Clássicos de todo o mundo. São lições que estão disponíveis para quem as quiser ouvir, versando sobre temas de interesse global para estudiosos e amadores dos Estudos Clássicos.

A esta informação acrescentamos outra, que nos chega, muito recentemente, da imprensa espanhola (*El País*, 06.10.2024¹, a dar conta do crescimento do número de estudantes que, no ensino obrigatório, escolhe Grego e Latim, fenómeno que acompanha a redução do número de estudantes em Inglês, ou noutras línguas estrangeiras.

Explicar este crescimento em Espanha não deve ser tarefa leviana. Na verdade, o ensino das línguas clássicas no mundo atual, mesmo nos países novilatinos, nos países europeus e/ou falantes de línguas europeias, tem vindo a ser progressivamente erodido pelas autoridades políticas que gerem *curricula* e programas escolares, substituídos por

¹ <https://elpais.com/expres/2024-10-06/por-que-aumenta-el-numero-de-estudiantes-de-latin-y-griego-y-disminuye-el-interes-por-el-ingles.html>) cit. “Los estudios del griego y latín están más vivos que nunca en las universidades españolas. La carrera de Filología Clásica matriculó el pasado curso en primero a 540 personas, un 26% más que en el 2014/2015. Mientras, las lenguas modernas pierden estudiantes: En la misma década, han bajado un 25% los inscritos en primero de Filología Inglesa. También se han reducido en un 34% los estudiantes de Lenguas modernas y aplicadas, y en un 45% los de otras lenguas (francés, alemán o árabe). [...] ¿Y cuál es el problema con las filologías modernas? El problema principal es que se siguen relacionando con la enseñanza secundaria, mientras existen múltiples salidas profesionales con más empleabilidad.”

“saberes” mais úteis. A notícia adianta um efeito pendular: em contraponto, as línguas modernas estrangeiras veem reduzida a sua procura.

Analisando o contexto português, no entanto, a erosão da aprendizagem sistemática das línguas, seja o Grego, Latim, seja o Alemão, Francês e o Espanhol, exteriorizada pelo desaparecimento progressivo destas línguas nas ofertas das escolas públicas, (à medida que os professores se reformam) deve preocupar todos os professores de línguas e todos os formados em Humanidades. Caminha-se, a passos largos, para a hegemonia da língua materna e do Inglês como língua franca – o pacote “básico” do multilinguismo oferecido pelas escolas públicas.

Este cenário é empobrecedor e perigoso, porque sanciona o impensável de ser considerado, pensado, ou proferido pelas políticas de educação: numa Europa multilingue, próspera, de cidadão livres e móveis no espaço comunitário, basta conhecer “a língua franca” – o Inglês, para satisfazer as necessidades profissionais e curiosidade intelectual dos cidadãos.

Neste estado de arte, que lugar ocupa a reivindicação de espaço para o Grego, o Latim e respetivas culturas? Nunca é demais repetir que reduzir a oferta de línguas numa escola inclusiva, democrática, e promotora de sociedades diversas e prósperas é, por si, um mau sinal.

Mais nefasto ainda, quando se considera que pode haver um vislumbre de competição entre línguas antigas e línguas modernas. Elas complementam-se; elas enriquecem-se; o conhecimento de umas facilita e abre portas para a aprendizagem de outras. Mais ainda, o Grego e o Latim, que se fazem presentes no vocabulário e nas estruturas linguísticas deste diapasão que é paisagem linguística da Europa e do mundo.

Boas leituras!